

**Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da
área da saúde sobre o uso de medicamentos**

***Evaluation of the knowledge of health academics about the
use of medicines***

***Evaluación del conocimiento y conducta de los académicos del
área de la salud sobre el uso de medicamentos***

Aline Borges de Oliveira¹

Jéssica Alves dos Santos²

Helen Cristina Fávero Lisboa³

¹ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis, MT. Pós-graduanda em UTI. Enfermeira do Hospital Municipal Getúlio Vargas em Aragarças, GO. E-mail: borges.aline71@gmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6739-8015>

² Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis, MT. Capacitada em Emergências Obstétricas e Ventilação Mecânica. Prestadora de Serviços da CARMED, Rondonópolis, MT. E-mail: jessicaalves.lyron@hotmail.com, Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5224-1111>

³ Doutora e Mestre em Biotecnologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Química. Graduada em Farmácia-Bioquímica pela UNESP – Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Rondonópolis, MT. E-mail: helcrisiq@yahoo.com.br, Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2124-3354>

Resumo: Este estudo objetivou avaliar o conhecimento de acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos. Um questionário foi aplicado a acadêmicos dos cursos de enfermagem, medicina e psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, envolvendo 40 alunos de cada curso. Os resultados mostraram que 92,5% dos entrevistados possuem medicamentos em casa, sendo esses na maioria analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios, e os compram sem orientação médica. Cerca de 72,5% leem a bula do medicamento e conhecem os efeitos adversos. Aproximadamente, 22,5% dos acadêmicos administram doses extras ao vomitar ou derramar a medicação, e 21,6% afirmaram que já tentaram dar remédios para crianças dizendo ser doce ou bala, ou fazem uso de medicação na presença de crianças (43,3%). Apesar dos acadêmicos relatarem conhecer os fármacos, existe o uso irracional do medicamento, a prática da automedicação e hábitos inadequados que favorecem uma intoxicação medicamentosa.

Palavras-chave: automedicação; medicamentos; acadêmicos.

Abstract: This study aimed to evaluate the knowledge of health professionals about the use of drugs. A questionnaire was applied to nursing students, medicine and psychology at the Federal University of Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, involving 40 students from each course. The results showed that 92.5% of the interviewees have medicines at home, most of them analgesics, antipyretics and anti-inflammatories, and buy them without medical advice. About 72.5% read the package leaflet and know the adverse effects. Approximately 22.5% of the students administer extra doses when they vomit or spill the medication, and 21.6% stated that they have tried to give children medication for being sweet or bullet or they use medication in the presence of children (43.3%), . Although academics report knowing the drugs they use, there is an irrational use of the drug, the practice of self-medication and inappropriate habits that favor drug intoxication.

Keywords: self-medication; medicines; academics.

Resumen: Este estudio objetivó evaluar el conocimiento de académicos del área de la salud sobre el uso de medicamentos. Un cuestionario fue aplicado a académicos de los cursos de enfermería, medicina y psicología de la Universidad Federal de Mato Grosso, Campus Universitario de Rondonópolis, involucrando a 40 alumnos de cada curso. Los resultados mostraron que el 92,5% de los entrevistados poseen medicamentos en casa, siendo estos mayoría analgésicos, antitérmicos y anti-inflamatorios, y los compran sin orientación médica. Alrededor del 72,5% lee el prospecto del medicamento y conocen los efectos adversos. Aproximadamente, el 22,5% de los académicos administran dosis extras al vomitar o derramar la medicación y el 21,6% afirmaron que ya intentaron dar remedios para niños diciendo ser dulce o bala o hacen uso de medicación en presencia de niños (43,3%), . A pesar de que los académicos relaten conocer los fármacos que hacen uso, existe el uso irracional del medicamento, la práctica de la automedicación y hábitos inadecuados que favorecen una intoxicación medicamentosa.

Palabras clave: automedicación; medicamentos; académicos.

1 INTRODUÇÃO

Os medicamentos constituem ferramentas poderosas para minimizar o sofrimento, com objetivo de diagnosticar, prevenir, curar ou aliviar os sintomas de doenças. Por outro lado, a utilização inadequada pode até levar à ocorrência de intoxicação e reações adversas.

A busca para aliviar a dor rapidamente, a dificuldade de atendimento na rede pública de saúde e a facilidade em conseguir os medicamentos têm estimulado pessoas a praticarem a automedicação. Essa prática é definida como uso de medicamentos sem orientação e prescrição médica, quando se recebe a orientação de pessoas não habilitadas ou se reutilizam antigas receitas, sem que a receita seja emitida para uso contínuo; e induzida, quando o uso é realizado devido à influência de campanha publicitária. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a prática da automedicação contribui para o uso incorreto de medicamentos, sendo considerada uma necessidade pela população, que visa complementar o tratamento em virtude das deficiências do Sistema Único de Saúde (SUS).

Outro fator a ser considerado é a limitação do poder prescritivo, atualmente restrito aos médicos; o número excessivo de farmácias nos grandes centros; a angústia e sofrimento desencadeados pelos sintomas; a facilidade de acesso à informação na internet em sites de busca; a falta de fiscalização em relação à venda de remédios tarjados; e a falta de programas educativos a respeito dos efeitos muitas vezes irreparáveis da automedicação. Tal fato aumenta as estatísticas de que aproximadamente um terço das internações ocorridas no País tem como origem o uso incorreto ou abusivo, erros de prescrições e administração, e a automedicação.

Pela acessibilidade aos medicamentos, toda a população acaba praticando a automedicação, entretanto o índice é maior entre a população de maior nível socioeconômico, isso devido ao maior grau de instrução, o que levaria os usuários a sentirem-se mais seguros ao utilizar um medicamento sem orientação de um profissional. O acúmulo de conhecimento, seja ele adquirido nas instituições educacionais, especialmente nos centros de estudos superiores voltados para as ciências da saúde, seja em experiências de vida, gera uma maior confiança naqueles que se automedicam. Dessa

forma, faz-se necessária a sensibilização e educação da sociedade quanto aos riscos da automedicação, evidenciando assim a necessidade desse tópico dentro da saúde pública.

Estudos revelam que existe um grande índice de estudantes universitários que fazem uso de medicamento, tornando-se ainda mais preocupante quando estes são da área da saúde. Estes, por conhecerem os riscos causados pelo uso incorreto e indiscriminado de fármacos, deveriam fazer o uso das medicações de forma correta e racional; no entanto, em virtude do conhecimento sobre os medicamentos, estes são os que mais se automedicam.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa pautou-se no descrito por Silva (2014) e Galato, Madalena e Pereira(2012), de que, além do conhecimento próprio, outros motivos levam estudantes universitários a se automedicarem incluindo a influência da propaganda; o uso de prescrições antigas; a orientação de funcionários de farmácia, amigos, vizinhos e familiares; o armazenamento de medicamentos em casa e a cultura do autocuidado com a saúde estabelecida no país. Tal público possui conhecimento sobre as drogas disponíveis, favorecendo o uso de fármacos sem orientação de um profissional. Automedicam-se baseados em seus conhecimentos e prática, conforme suas necessidades. No entanto a prática da automedicação pode se tornar abusiva ou indiscriminada, com risco de efeitos indesejáveis e até irreversíveis.

Sabendo-se que a problemática da automedicação e riscos inerentes a tal prática é uma realidade, a realização deste estudo justifica-se pela necessidade de se verificar o uso abusivo e indiscriminado dos fármacos, e o conhecimento sobre os medicamentos entre estudantes da área de saúde. Nesse contexto, considerando que acadêmicos na área da saúde serão futuros profissionais e que devem desencorajar a prática da automedicação, bem como esclarecer quanto ao uso correto e aos malefícios do uso irracional dos fármacos, a presente pesquisa teve como objetivo avaliar o conhecimento dos acadêmicos da área da saúde da Universidade de Mato Grosso \ Campus Universitário de Rondonópolis a respeito do uso de medicamentos.

2 MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa de caráter quantitativo com delineamento transversal, não experimental, por meio de avaliação exploratória e descritiva. A coleta de dados foi realizada de fevereiro a julho de 2017, por meio de um questionário contendo perguntas fechadas referentes ao perfil socioeconômico e ao uso de medicamentos. O questionário foi aplicado individualmente nas dependências da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis (UFMT/CUR), em local reservado para garantir a privacidade do acadêmico participante. Os participantes da pesquisa foram os discentes regularmente matriculados nessa universidade, nos cursos de Enfermagem, Medicina e Psicologia, totalizando 120 participantes, sendo 40 de cada curso. Considerando a dificuldade em encontrar os alunos na universidade por estarem em campo prático, esses foram selecionados aleatoriamente conforme disponibilidade no local da pesquisa, obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão.

Foram incluídos na pesquisa os discentes regularmente matriculados nos cursos da área da saúde oferecidos pela UFMT/CUR; com idade maior ou igual a 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa mediante a assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Resolução 466/2012. Foram excluídos os pós-graduandos e alunos ouvintes ou especiais. Os dados obtidos foram tabulados e calculados em porcentagem com a utilização programa Microsoft Excel 2007 e expostos em forma de gráficos e tabelas para melhor entendimento dos resultados.

Durante toda a pesquisa, o estudo seguiu pautado na Resolução 466/2012, que dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Sendo assim, esta pesquisa foi inicialmente submetida à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis, da Plataforma Brasil. As entrevistas somente foram iniciadas após a aprovação deste trabalho (CAAE: 61264316.4.00008088) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo sujeito do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 120 discentes dos cursos de enfermagem, medicina e psicologia da UFMT/CUR. Dos que aceitaram participar da pesquisa, 73,3% eram do sexo feminino, com média de idade de 20 anos, a maioria solteiro (80,8%) e sem filhos (87,5%), com 25,8% possuindo renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos (tabela1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos discentes entrevistados

Características	Número	%
Sexo		
Masculino	32	26,7
Feminino	88	73,3
Faixa etária (anos)		
18 -22 anos	86	71,6
23-27 anos	21	17,5
28-32 anos	5	4,16
33-37 anos	2	1,6
38-42 anos	5	4,16
43-47 anos	0	0
48-52 anos	1	0,8
Renda Familiar (salário mínimo)		
Até 1 salário	12	10
1-2 salários	31	25,8
2-3 salários	24	20
3-4 salários	14	11,6
4-5 salários	11	9,1
Acima de 5 salários	23	19,1
Filhos		
Sim	10	12,5
Não	70	87,5
Estado Civil		
Solteiro	97	80,8
Casado	13	10,8

Características	Número	%
Viúvo	0	0
Divorciado	1	1,6
União Estável	7	5,8
Outros	1	0,8

Fonte: Os autores.

Estudos mostram que o índice de automedicação ocorre em maior número em mulheres, algo que é plenamente justificável devido ao fato de as turmas da área de saúde serem compostas, em sua grande maioria por pessoas do sexo feminino (CERQUEIRA; OLIVEIRA; CASEMIRO, 2012). Outro estudo semelhante aponta que o ato de automedicar-se é mais frequente entre mulheres e pode ser, entre outros fatores, parcialmente atribuído à exploração, pela propaganda de medicamentos, de papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres, dentre eles o de prover a saúde da família (MUSIAL; DUTRA; BECKER, 2007). Além disso, em pesquisa realizada em nível nacional, constatou-se que o uso de medicamentos é maior entre as mulheres também pelo fato de estas se cuidarem mais e procurarem consultas médicas com mais frequência (ARRAIS *et al.*, 2016)

No entanto houve, no presente estudo, uma quantidade levemente maior de mulheres no espaço amostral (73,3%), seja pela adesão mais fácil do público feminino à pesquisa, seja pela maior quantidade de mulheres nos cursos participantes, não sendo possível a precisão do resultado, uma vez que para isso seria necessário que 100% dos alunos dos três cursos participassem da pesquisa.

O fator socioeconômico não representa grande significância, uma vez que o uso de medicamentos e a automedicação ocorrem em todas as classes sociais (SOUZA; HOELLER; GOETZ, 2015), já que existe a acessibilidade ao fármaco, considerando atualmente a existência de medicamentos de baixo custo, principalmente os de uso popular, facilitando o acesso às classes menos favorecidas financeiramente (ARRAIS *et al.*, 2016). No entanto alguns autores mostram que o maior consumo de medicamentos ocorre entre pessoas com maior nível de escolaridade, provavelmente por possuírem

mais informação e se sentirem mais confiantes para se automedicarem (MUSIAL; DUTRA; BECKER, 2007).

Em relação aos tipos de medicamentos existentes nas residências, os dados estão descritos na tabela 2, na qual se nota um expressivo percentual de acadêmicos que possuem analgésicos, antitérmicos e/ou anti-inflamatórios (92,5%), seguido dos antialérgicos (53,3%) e contraceptivo (50%) (tabela 2).

Tabela 2 – Tipos de medicamentos existentes nas residências dos acadêmicos

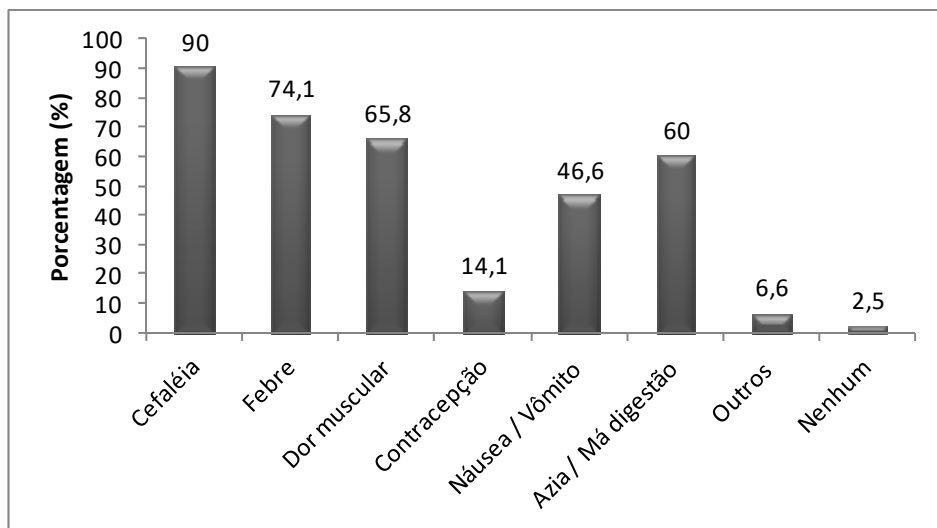
MEDICAMENTOS	n	(%)
Analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatório	111	92,5
Sedativos de tosse, expectorantes	48	40,0
Antibióticos	43	35,8
Vitaminas	50	41,6
Anticoncepcionais	60	50,0
Tópicos cutâneos	53	44,1
Descongestionantes sistêmicos	31	25,8
Antidiarreicos	20	16,6
Antieméticos	23	19,1
Antialérgicos	67	53,3
Antiespasmódicos	2	1,6
Sedativos, anticonvulsivantes	7	5,8
Outros	21	17,5
Nenhum	3	2,5

Fonte: Os autores.

Pesquisa realizada em uma universidade pública de Recife mostrou que a classe medicamentosa mais frequente entre os acadêmicos da área da saúde são os analgésicos, e o motivo mais apontado foi a dor (AQUINO; BARROS; SILVA, 2010). Rocha e colaboradores também obtiveram resultados semelhantes, e explicam que o grande índice de uso de analgésico, anti-inflamatório e antitérmico se deve à venda livre desses medicamentos facilitando a compra e o consumo de tais remédios (ROCHA *et al.*, 2011).

Quando questionados sobre a compra de medicamentos sem prescrição médica, 85% afirmam se automedicar, sendo a cefaleia o principal motivo citado para a ocorrência da aquisição de fármacos sem prescrição (90%), seguido de febre (74,1%) e dor muscular (65,8%) (Figura 1). Estudos como o de Domingues *et al.* (2017) colaboram com nossos resultados obtidos, e, em sua pesquisa, os principais motivos que levam à automedicação são a cefaleia, febre e dor muscular, justificando o porquê dos analgésicos, anti-inflamatórios e antitérmicos serem os mais utilizados.

Figura 1 – Motivos de saúde que levam à compra de medicamento sem prescrição



Fonte: Os autores.

Quanto ao conhecimento dos acadêmicos sobre o medicamento e seu uso (tabela 3), 72,5% afirmaram ler a bula, e 72,5% disseram conhecer os efeitos adversos dos fármacos que usam. A diferença entre medicamento genérico, ético e similar é conhecida por 60% dos alunos, e, em relação às tarjas, 76,6% responderam saber o significado.

Tabela 3 – Conhecimento sobre medicamento e seu uso

QUESTÕES	SIM		NÃO	
	(%)	n	(%)	n
Costuma ler a bula do medicamento?	72,5	87	27,5	33
Conhece as ações e os efeitos adversos dos medicamentos que utiliza?	72,5	87	27,5	33
Sabe a diferença entre um medicamento genérico, similar e ético?	60	72	40	48
Sabe o que significam as tarjas presentes nas embalagens dos medicamentos?	76,6	92	23,4	28

Fonte: Os autores.

Os resultados encontrados mostram bom percentual de acadêmicos que conhecem as diferenças das tarjas e entre genérico, similar e referência. No entanto o número dos que desconhecem sobre o assunto é também significativo quando se trata de futuros profissionais de saúde, responsável em orientar o paciente, ressaltando que muitos pacientes não compram o genérico porque não é o indicado ou não sabem que este possui a mesma eficácia do medicamento de referência (LIRA *et al.*, 2014).

Em relação às práticas inadequadas que contribuem para intoxicação medicamentosa (Tabela 4), apesar de afirmarem seguir as orientações médicas (90,8%), 22,5% dos acadêmicos entrevistados administram doses extras ao vomitar ou derramar a medicação, e 21,6% afirmaram que já tentaram dar remédios para crianças dizendo ser doce ou bala. Um significativo percentual (43,3%) utilizam o fármaco na presença de crianças ou fazem uso em locais com pouca luminosidade (14,1%), podendo acarretar erros de dosagem ou troca de medicamentos.

Tabela 4 – Práticas inadequadas que contribuem para intoxicação medicamentosa

QUESTÕES	SIM		NÃO	
	(%)	n	(%)	n
Quando, ao tomar um medicamento, você vomita ou derrama um pouquinho, você utiliza uma dose extra?	22,5	27	77,5	93
Já tentou dar um medicamento a uma criança dizendo ser “bala” ou “doce” para facilitar a administração?	21,6	26	78,3	94
Utiliza medicamentos na presença de crianças?	43,3	52	56,7	68
Usa medicamentos na ausência de luz no ambiente?	14,1	17	85,8	103
Segue corretamente a orientação médica em relação à utilização do medicamento	90,8	109	9,2	11

Fonte: Os autores.

Utilizar de artifícios para facilitar a aceitação da criança para tomar um remédio é uma prática inadequada. Dizer para a criança que aquele medicamento é uma bala ou doce pode fazer com que ela ingira remédios sem necessidade, apenas por associar ao doce as cores e gosto do remédio. Adultos fazerem uso de fármacos na frente das crianças também pode ser considerado uma prática inadequada, uma vez que a criança tem o adulto como exemplo e muitas vezes repete suas ações (SILVA *et al.*, 2012).

O uso de medicamentos em ambientes de pouca luminosidade não foi uma prática muito citada entre os acadêmicos, entretanto os poucos que o fazem estão colocando suas vidas em risco, assim como aqueles que disseram fazer uso de dose extra ao derramar ou vomitar o medicamento, considerando que esse aumento de dose pode levar a uma intoxicação medicamentosa (SILVA *et al.*, 2012).

Os acadêmicos da área da saúde possuem mais conhecimento sobre os medicamentos. Sabendo sobre os efeitos adversos e complicações, espera-se que esse grupo de acadêmicos faça uso de forma racional e correta (FONTANELLA; GALATO; REMOR, 2013). Entretanto estudos mostram que há um grande índice de automedicação entre esses alunos, principalmente

porque eles se sentem mais confiantes na hora de utilizá-la e até mesmo se automedicarem (SILVA; RODRIGUES, 2014). Nesse contexto, a cobrança aos universitários na área da saúde se configura em virtude de sua responsabilidade como acadêmicos e futuros profissionais levando-se em consideração a conduta adequada em relação ao uso de medicamentos.

4 CONCLUSÕES

Por se tratar de futuros profissionais da saúde, a expectativa era de que o consumo fosse bem menor do que o expresso e mais racionalizado. Mas, constata-se que é exatamente esse conhecimento mais específico que os induz ao uso de forma inadequada.

Apesar de se denominarem conhecedores dos medicamentos, a automedicação entre os acadêmicos da saúde é uma realidade, ficando evidente que muitos possuem hábitos inadequados para o uso de medicamentos. Por se tratar de futuros profissionais da área de saúde, esperava-se que o consumo fosse menor e mais racionalizado, contudo esse maior conhecimento sobre os fármacos tende facilitar a prática inadequada.

Por fim, a automedicação é uma prática que pode acarretar danos à saúde do indivíduo, e cabe aos profissionais e acadêmicos, principalmente os da área da saúde, reavaliar essa conduta, propondo uma intervenção que vise à qualidade da saúde.

REFERÊNCIAS

AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, p. 2533-8, 2010.

ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. G. P.; PIZZOL, T. S. D.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 50, suplemento 2, p. 1s-11s, 2016.

CERQUEIRA, G. S.; OLIVEIRA, T. S. C.; CASEMIRO, T. S. Perfil da automedicação em acadêmicos de Enfermagem na cidade de João Pessoa. *Revista Medicina*, v. 45, p. 5-11, 2012.

DOMINGUES, M. P. S.; BRANDT, G. P.; OLIVEIRA, A. P. R.; SOUZA, S. J. P.; RAMIRES, M. A.; BURCI, L. M. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. *Visão Acadêmica*, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 4-11, abr./jun. 2017.

FONTANELLA, F. G.; GALATO, D.; REMOR, K. V. T. Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, v. 94, n. 2, p. 154-60, 2013. Disponível em: <http://www.rbfarma.org.br/files/rbf-94-2-11-2013.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3323-30, 2012.

LIRA, C. A. B.; OLIVEIRA, J. N. S.; ANDRADE, M. S.; CAMPANHARO, C. V.; VANCINI, R. L. Conhecimento, percepções e utilização de medicamentos genéricos: um estudo transversal. *Einstein*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 267-73, jul./set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/eins/v12n3/pt_1679-4508-eins-12-3-0267.pdf. Acesso em: 15 maio 2018.

MUSIAL, D. C.; DUTRA, J. S.; BECKER, T. C. A. A automedicação entre os brasileiros. *SaBios – Revista de Saúde e Biologia*, Campo Mourão, PR, v. 2, n. 2, p. 5-8, jul./dez. 2007.

ROCHA, A. M. O.; CAVALCANTI, A. P.; RODRIGUES, B. S.; SOUZA, F. D.; MORAIS, M. G.; GURJÃO, M. M.; NASCIMENTO, P. V. T.; BRITO, T. M. Perfil da utilização de medicamentos por estudantes de medicina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). *Revista Saúde & Ciência*, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan./jun. 2011.

SILVA, F. M.; GOULART, F. C.; LAZARINI, C. A. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, GO, v. 16, n. 3, p. 644-51, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v16/n3/pdf/v16n3a20.pdf>. Acesso em: 18 maio 2018.

SILVA, L. A. F.; RODRIGUES, A. M. S. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. *Revista Brasileira de Farmácia*, Rio de Janeiro, v. 95, n. 3, p. 961-75, 2014. Disponível em: <http://www.rbfarma.org.br/files/697--Automedicao-entre-estudantes-de-cursos-da-area--de-saude.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, R. C. G.; OLIVEIRA, T. M.; CASIMIRO, T. S.; VIEIRA, K. A. M.; TARDIVO, M. T.; FARIA JUNIOR, M. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Medicina*, Ribeirão Preto, SP, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

SOUZA, M. A.; HOELLER, B.; GOETZ, R. Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. *Infarma Ciências Farmacêuticas*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 142-8, 2015.